

Família e escola no projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte¹

Family and school in Monsignor Álvaro Negromonte pedagogical's project

*Evelyn de Almeida Orlando*²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a relação entre família e escola no projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte, considerando seu contexto de produção, os diálogos estabelecidos e os objetivos em questão. Através de um conjunto de impressos destinado ao professorado e às famílias buscou-se iluminar uma proposta pedagógica católica moderna que articulava a casa e a escola como espaços educativos, que através dos seus diferentes sujeitos e saberes, eram estimulados e capacitados a se empenharem na formação do cidadão e de uma nação católica.

Palavras-chave: Família, escola e Pedagogia Católica

Abstract

This paper presents the relationship between family and school in the pedagogical project of Monsignor Álvaro Negromonte, considering its context of production, the dialogues set and goals involved. Through a set of printings elaborated for teachers and families, it brings to light a modern Catholic pedagogical proposal that articulated home and school as education spaces, which, through its various subjects and knowledge bases, were encouraged and empowered to engage in the formation of citizens and a Catholic nation.

Keywords: Family, school and Catholic Education

² Mestre pela Universidade Federal de Sergipe; Doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Nota 10 FAPERJ. E-mail: evelynorlando@gmail.com

Introdução

O projeto de formação de uma sociedade moderna e civilizada ganhou relevo significativo no cenário da sociedade brasileira do início do século XX. A mobilização de setores diversos, motivados, entre outros aspectos, pelo descontentamento produzido pelas práticas características do sistema republicano oligárquico, acirrou os debates em torno da necessidade de consolidação da nação brasileira em bases modernas, nas décadas de 1920 e 1930. Neste cenário, médicos, psicólogos, educadores, intelectuais variados discutiam o tema da identidade/cultural nacional.

O anseio por civilizar-se fez parte do paradigma da modernidade no Brasil e mobilizou os vários grupos em torno dessa questão a desenvolver projetos para formar uma “nova população”, inscrevendo novos hábitos e comportamentos, respaldados nos conhecimentos científicos. Os novos valores que iam se formando junto à sociedade estavam atrelados a um efeito moral, normalizador e ganharam corpo nas reformas pedagógicas e sanitárias, onde “a ciência técnica passava a ser considerada crucial para o destino da nação” (HERSCHMANN & PEREIRA, 1994, p.26).

Neste contexto, a educação passou a ser vista como uma ferramenta eficaz, capaz de sanar as altas taxas de analfabetismo, assim como as doenças da população, indicativos de mentes e corpos mal formados, o que era considerado um grave empecilho para o desenvolvimento do país. Esse “entusiasmo pela educação” alimentou o sonho de uma educação integral³, que buscava formar para a nova nação *mens sana in corpore sano*, sem descuidar dos aspectos morais e espirituais que cada um a seu modo, não excluía da formação desse novo homem civilizado que pretendia formar.

A importância da escola nesse contexto parece já ser ponto pacífico entre os historiadores da educação, haja vista a crescente produção sobre a instituição escolar e suas várias formas de interação com a sociedade. Muitas dessas pesquisas vêm ressaltando as lutas e tensões que se estabeleceram em torno da escolarização do

social, como também das resistências dessa sociedade diante desse processo, embora esta instituição viesse se afirmando de forma crescente e imperativa. Nessa perspectiva da integralidade, outras instituições foram chamadas a cooperar com a propagação dos novos hábitos e valores, atuando em seus *microgovernos* como dispositivos de governamentalidade na direção da população. Dentre as várias instituições envolvidas nesse projeto de reforma da sociedade republicana, as famílias, tornaram-se alvos de projetos diversos que visavam educá-la e orientá-la nesse sentido.

Para o grupo de educadores católicos⁴, essa reforma se situava também, e, talvez, principalmente, em outro âmbito. A introdução do princípio do laicismo à ordenação jurídico-política no início da República brasileira, levou a Igreja a se reestruturar, criando novos setores de atividades e reordenando outros que já vinham sendo utilizados na afirmação da fé católica, como a educação, por exemplo, com dois objetivos complementares: restaurar a moral católica e recristianizar a nação. Esse processo de reestruturação, que se desencadeou a partir das novas condições postas pelo regime republicano, implicou, de acordo com Frei Oscar Lustosa, em um repensar das “suas práticas e o estilo de sua atuação no contexto social e político da nação” (1977, p. 8)

Pode-se dizer, juntamente com este autor que, até meados de 1910, a Igreja se concentrou mais na sua reorganização interna, expandindo seus quadros e formando agentes capacitados para levar a termo a obra de evangelização, a começar pelos religiosos, e, posteriormente conclamando o laicato católico para auxiliar nesse plano de ação. Por isso, neste momento, o clero, os seminários, a multiplicação de dioceses, os Congressos Católicos, os retiros espirituais, se constituíam na principal preocupação do episcopado. A partir de 1916, com a Pastoral de D. Leme, um projeto de uma Igreja mais militante mobilizou líderes e intelectuais católicos, que passaram a se envolver mais profundamente na política, buscando uma aliança entre Estado e Igreja com base na cordial e mútua colaboração. As novas frentes de trabalho que se organizaram a partir de então buscavam dar conta de dimensão que abrangia o político, o social e o cultural. Assim, a imprensa, as missões populares, o catecismo, os

Institutos Católicos de Educação, as associações, foram os principais mediadores da tarefa combativa que a Igreja passou a desempenhar.

Essa reorganização da Igreja Católica permite caracterizá-la como uma instituição que, sustentada em verdades e dogmas postos como universais, não se absteve de manter uma postura de diálogo com cada época e com as demandas que ela trazia, sem perder de vista a força da tradição. Permite perceber ainda que a concepção de tradição não é usada de forma estática; ela se reelabora para resistir à passagem do tempo. Essa dimensão vai de encontro à idéia de que a Igreja fomenta um sentimento de resignação aos acontecimentos terrenos como vontade divina. As diversas cartas pastorais prescrevendo uma reorganização que alterava muitas das suas práticas, refletem uma Igreja que incitava os homens a agires fortemente na direção de um final feliz, possível apenas no reencontro com Deus.

Segundo Manoel (2004), esse tipo de ensinamento que direciona a história com olhos postos na eternidade pode, efetivamente, provocar dois tipos de comportamento e um deles seria essa resignação. Mas o outro tipo de comportamento do qual ele trata, e o que mais se aproxima da dinâmica aqui tratada, é aquele que propõe ações concretas na esfera sócio-política.

Muito embora a doutrina continue a interpretar a vida entre o Bem e o Mal, a hierarquia católica não limita sua ação e a de seus fiéis ao campo devocional. Bem ao contrário, a Igreja se atribui e aos seus fiéis o direito e o dever de intervirem no social e no político para garantir que as estruturas sociais sejam transformadas em conformidade com a doutrina católica [...] Esse posicionamento levou a Igreja à conclusão de que não bastaria a ampliação e o fortalecimento da esfera devocional para enfrentar e reverter a modernidade; antes seria necessário que o devocional se transformasse em alicerce de uma sólida atuação sócio-política (MANOEL, 2004, p. 20,21)

Essas ações concretas são consideradas por Manoel tomando como base as iniciativas de Pio X a Pio XI, explicitadas através dos programas da Ação Católica⁵, os quais

buscaram recristianizar as estruturas sociais, dotando-as de um fundamento doutrinário sólido o suficiente para, primeiramente, afastá-las das influências do liberalismo, positivismo, socialismo, materialismo e de tudo aquilo que contrariasse a fé católica e, por conseguinte, para criar um *habitus* cristão nos indivíduos que os tornasse partícipes da Igreja no projeto de conformação de uma cultura nacional católica, a fim de assegurar a sua reprodução na sociedade brasileira.

O campo educacional se apresentou como uma das principais linhas de ação ofensiva do catolicismo. A escola católica, assim como a campanha que se instaurou pelo ensino religioso na escola pública, visou uma participação ativa da Igreja junto à juventude. Esse processo de aproximação e educação que a Igreja exerceu junto à juventude ocorreu de forma paralela àquele conduzido na direção de suas famílias. A historiografia ressalta a educação como um dos campos mais utilizados pela Igreja, e um dos objetos mais recorrentes acerca dessa temática nas pesquisas em História da Educação tem sido a rede de colégios católicos, que se constituiu visando a formação de novas elites dirigentes e de outros segmentos sociais que contribuiriam diretamente com a reprodução da cultura católica, como é o caso dos professores, por exemplo. O debate em torno do ensino religioso nas escolas públicas também vem ocupando um importante lugar nas investigações realizadas no campo e faz parte desse conjunto de ações voltadas para aproximar a Igreja do cenário educacional.

Talvez por força de uma tradição historiográfica da educação que, por muito tempo, focou nas formas institucionalizadas em que esta ocorria, talvez porque o peso que as Ciências da Educação atribuíram à escola como lugar privilegiado para educar o indivíduo, ou talvez, ainda nessa direção, porque o processo de escolarização sob o influxo dessa representação ofuscou outras formas de educação, o fato é que a escola, também para os católicos, não foi a única via utilizada no campo da educação para moldar os indivíduos ou amalgamá-los à doutrina católica, apesar do forte acento posto nessa instituição encontrado também no projeto do Monseñor Álvaro Negromonte.

Os impressos e a imprensa pedagógica, por exemplo, também vêm instigando as investigações histórico-educacionais, por terem sido constituídos como importantes suportes através dos quais os intelectuais da educação estabeleceram suas disputas e encaminharam ações educativas para diferentes segmentos da sociedade. Como objeto ou como fonte documental, os impressos põem em evidência a produção e a circulação de um conjunto de saberes pedagógicos que permitiu a afirmação de uma intelectualidade preocupada com as questões educacionais. No âmbito do catolicismo, eles indicam, ainda, um conjunto de estratégias utilizadas pela Igreja para disseminar sua doutrina, modos de apropriação do discurso científico como instrumento tácito para se manter na luta pelo campo educacional e religioso e os diferentes destinatários das suas mensagens e suas frentes de ação.

Este trabalho se insere nesse viés historiográfico e está centrado no projeto civilizador católico do Monsenhor Álvaro Negromonte, subscrito em parte da sua produção impressa, destinada a dois segmentos específicos, mas, completamente, articulados: as professoras e às famílias. Importante intelectual católico, o Monsenhor Negromonte atuou, de forma engajada, nas questões educacionais, entre os anos de 1930 e 1960, contribuindo para a renovação da pedagogia católica no Brasil. Seu trabalho serviu, ainda, para instituí-lo como intelectual da educação, a partir de uma nova concepção de intelectualidade que foi se configurando no interior da Igreja, a partir de 1920. Segundo Lustosa,

com a conversão de Jackson de Figueiredo – uma nova etapa se inaugura na tentativa de derrubar o muro que separa religião e ciência, Igreja e pensadores e escritores [...] Além disso, empenharam-se na montagem de esquemas de difusão do pensamento católico: bibliotecas, editora católica, produção de obras (não apenas traduções) que, embora desiguais em valor, tinham o mérito de abordar de frente, os problemas do momento, em uma ótica, definitivamente, cristã.”(LUSTOSA, 1977, p. 71, 72).

Pode-se dizer que Negromonte fez uso de múltiplos instrumentos de poder que os intelectuais do seu grupo elegeram como arma no combate pela recristianização

da nação. Dentre eles, pode-se destacar a produção de uma Biblioteca Pedagógica, com obras destinadas a públicos variados e a abertura de uma editora destinada à publicação de livros religiosos e de cultura geral, de fundo católico, a começar pelos seus. Essas estratégias faziam parte de um esquema de difusão não só do pensamento católico, mas de uma nova Pedagogia Católica da qual Negromonte foi se constituindo uma espécie de porta-voz, no Brasil.

Do ponto de vista político, o padre Álvaro Negromonte fez parte de um grupo que, em meio às diferentes posições defendidas no interior do campo religioso, preferiu o diálogo e a colaboração (quando possível), como os caminhos viáveis para lidar com aqueles que pensavam diferentemente dos católicos. Posição que pode ser entendida como uma postura estratégica adotada por alguns segmentos da intelectualidade católica, como observa também Lustosa, ao tratar das tendências e problemas que se apresentaram para a vida interna da Igreja a partir dos anos 1930. Como atesta o autor,

Tanto no relacionamento com protestantes, como no posicionamento de problemas concretos, como o caso do grupo da Escola Nova ou do grupo de socialistas mitigados, sentimos nesta época esforços de líderes católicos no sentido de defender a necessidade de um pluralismo sadio e respeitoso (LUSTOSA, 1977, p. 75).

Vislumbrando uma geração ciosa de liberdade, Negromonte apelou para a “educação dos sentidos e da vontade” como principal estratégia retórica em todas as suas obras, considerando as várias instâncias educativas do indivíduo. Sua preocupação com as famílias atesta a problemática do lugar destinado a essa instituição na pedagogia católica em um tempo no qual a escola vinha sendo instituída como espaço educativo por excelência. Analisada conjuntamente com o projeto de formação de professores, a pesquisa trouxe à tona elementos que podem ser compreendidos no âmbito da história da profissão docente, da educação católica, do movimento escolanovista e dos estudos de gênero. A relação família-escola posta na proposta pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte foi, aos poucos, adotando outros contornos, que, em muitos aspectos iam se atravessando e fazendo emergir um

cenário onde os personagens transitavam, com alguns limites, entre a casa e a escola, dando a ver um objeto que foi sendo construindo tal como foi se apresentando, em suas formas múltiplas e multifacetadas.

Re (visitando) a historiografia educacional brasileira

A articulação dessas duas instâncias educativas – a casa e a escola – e sua representação na formação da sociedade brasileira, posta nos impressos pedagógicos, permite ancorar essa investigação em, pelo menos, dois eixos de análise no campo da História da Educação, que vêm buscando tratar de algumas questões que merecem ser mais exploradas pela historiografia, tais como: o pensamento católico renovado⁶ e a relação família/escola/civilização.

No movimento de revisão de literatura acerca do que já foi produzido no campo da História da Educação sobre escolanovismo católico, merecem relevo as contribuições de Carvalho (1993), (1998), (2002), (2003) e (2006). Em suas pesquisas, essa autora trata, incansavelmente, das estratégias católicas de conformação do campo pedagógico, como o uso dos impressos e a apropriação do movimento escolanovista. Nessa mesma direção, a pesquisa de Magaldi, “Pensamento católico, modernidade e relações família-educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950)” e seus desdobramentos, sobretudo, os trabalhos de Narcizo (2005) e (2008) também merecem relevo. Ainda nessa temática, são de grande importância as investigações de Sgarbi (1997) e (2001), Strang (2008), Errerías (1999), (2000), Errerías & Cunha (2003), Orlando (2008) e o trabalho de História da Educação comparada de Mogarro (2006).

A relação entre família, escola e projeto civilizador é mais rara e um pouco mais complexa de ser apreendida porque no campo da História da Educação ela aparece diluída em temáticas afins que, juntas, ajudam a compor esse cenário de uma forma mais ampla⁷. Nesse sentido, além das investigações de Magaldi (1997) e seus desdobramentos, frutos do projeto que vem desenvolvendo com seu grupo de pesquisa, intitulado “Família, escola e civilização: representações e práticas (1930-1950)”, são

considerados outros trabalhos que revelam os possíveis diálogos entre essas duas instituições educativas, mesmo oriundos de outros campos, como é o caso de Nogueira (2005), Montandon & Perrenoud (2001).

A escassez de trabalhos que busquem compreender a relação entre família e escola como instâncias educativas entre as décadas de 30 e 60 do século XX pode ser entendida, como já foi sinalizado, pelo foco que, durante muito tempo, esteve centrado exclusivamente na escola e nas formas institucionalizadas de educação. Além disso, há ainda a tradição que se instituiu na historiografia de se pensar as questões históricas de forma polarizada, como é o caso da representação, cristalizada no campo, de que o projeto modernizador instaurado no Brasil desautorizou e substituiu a família pela escola, tal como pode se ver em alguns trabalhos no campo voltados para essa temática⁸. Os avanços na historiografia, no entanto, ainda que incipientes nessa temática, já vem evidenciando a necessidade de se matizar esse tipo de leitura.

A família e a escola nos discursos dos especialistas da educação: um enfoque no campo católico

É sabido que o discurso dos renovadores nas primeiras décadas do século XX, de fato, enfatizou a necessidade da escola como principal agência civilizatória, como um espaço onde a ação educativa se desenvolveria com base em saberes especializados. Contudo, o papel centralizado que a instituição escolar adquiriu no discurso de grande parte dos educadores envolvidos nesses debates, não anulava a ação educativa da família. Se, por um lado, a modernidade instituía a necessidade da racionalização dos saberes pedagógicos, dando margem ao discurso dos especialistas da Educação, por outro lado, eles próprios sinalizavam, com frequência, para a impossibilidade da escola cumprir sozinha sua função civilizadora. Apesar do patamar a que se elevou a escola como instância autorizada para civilizar,

os renovadores sempre deixaram clara sua consciência de que, para encaminhar a modernização educacional e construir a ‘civilização’ desejada, os educadores profissionais não poderiam prescindir dos educadores situados na esfera doméstica,

com os quais deveriam ‘andar de mãos dadas’ de modo a construir uma parceria de maior relevância social (MAGALDI, 2008, p.12-13).

Nesse sentido, não foram poucos os esforços para se educar a mulher, visando o empreendimento da tarefa educativa no espaço doméstico com maior competência. Se, por um lado, a consolidação da instituição escolar provocou um deslocamento na instituição familiar da esfera educativa, por outro, ela passou a figurar como a principal colaboradora da escola. O que não a coloca em um polo oposto em relação à valorização da escola e do discurso científico no campo da educação. A apropriação escolanovista que foi feita pelos católicos reteve a necessidade de se instruir as famílias para a ação civilizatória.

Nesse sentido, a idéia de polaridades estanques entre pioneiros e católicos também merece ser repensada, uma vez que ambos os grupos desenvolveram estratégias, muitas vezes similares, para instruir as famílias no exercício de civilizar pela educação. A hierarquização que se efetivou entre as instâncias educativas – família e escola - pelos dois grupos, não foi suficiente para anular as práticas desenvolvidas para instruí-las, a fim de estabelecer uma ação conjunta entre ambas instituições. Essa iniciativa torna relevante a busca pela compreensão de como se encaminharam esses investimentos pelos dois grupos. Este trabalho, no entanto, busca compreender esses esforços, pelo grupo católico, ao utilizar, de modo particular, impressos pedagógicos produzidos por um sacerdote direcionados à família e ao professorado.

Ainda que sejam poucos os trabalhos voltados para a relação família/escola/projeto civilizador nessa perspectiva relacional e isso seja uma marca expressiva nos enunciados das pesquisas histórico-educacionais, é possível detectar uma preocupação com essa questão, por exemplo, nos trabalhos voltados para a educação feminina e profissão docente, como formas de se apreender a ação educativa que se esperava da mulher e da professora, nos espaços privados e públicos, em suas aproximações e distanciamentos.

Na esteira dos esforços para aproximar a família da escola, pode-se dizer que os renovadores, católicos ou pioneiros⁹, fizeram uso dos impressos pedagógicos para educar

a mulher, a mãe e a professora. Em uma perspectiva mais ampla, as pesquisas sobre impressos estão inscritas no campo de uma história cultural dos saberes pedagógicos e de suas apropriações nas práticas educativas. O uso dos impressos na conformação de um campo pedagógico põe em evidência um conjunto de estratégias de difusão e imposição dos modelos pedagógicos e de táticas de apropriação desses modelos e inspiram o que Carvalho e Toledo (2007) denominam de “multifacetado campo de investigações”. São essas investigações que, segundo as autoras, “dão sólido suporte a uma história cultural dos saberes pedagógicos interessada na materialidade dos processos de difusão e imposição desses saberes e na materialidade das práticas que deles se aproxima” (CARVALHO & TOLEDO, 2007, p. 89).

Nesse âmbito, os impressos pedagógicos se voltam para destinatários específicos: de um lado, as moças e mães de família, e, do outro, os professores, quase sempre generalizados como professoras¹⁰. Fosse na casa ou na escola, o papel educativo atribuído ao gênero feminino foi visto quase como uma extensão da sua natureza, necessitando apenas do esclarecimento necessário para dar conta das necessidades próprias da sua época. Os trabalhos de Vidal (2000), Catani (2003), Souza (1996), Bicalho (1988), Bassanezi (1996), Lopes (2003), Magaldi (2007), Louro (1987), dentre outros, ajudam a compor o cenário da educação pensada para a escola e para a família através dos discursos pedagógicos endereçados a esses dois públicos distintos.

Em consonância com os discursos que emergiram em torno da formação do homem civilizado, cidadão de uma cidade que ia se configurando urbano-industrial, que buscava se consolidar ainda sobre os princípios da ordem para o progresso, o Monsenhor Álvaro Negromonte tornou-se partícipe da intensificação dos debates da área e adotou práticas veiculadas, sobretudo, à responsabilidade da tarefa educativa.

Aliar escola e família na formação do indivíduo significava adotar os novos cânones educacionais de uma escola elevada a uma posição de centralidade, sem perder de vista o projeto modelar de conformação de uma nação católica, que se desdobra em outras direções. Com

esse intuito, Negromonte, por um lado, produzia um discurso para a escola e, por outro, encaminha outras mensagens, sob outra forma, para as famílias, a fim de que a mesma educação fosse dada em conformidade na escola e no lar, não desfazendo este o trabalho daquela, por falta de instrução, conforme a visão corrente entre os educadores à época.

Talvez pelo forte acento da Igreja Católica em Minas Gerais¹¹, conforme sinaliza Faria Filho, “ao longo do primeiro quartel do século XX, ao fazerem referências à escola nova, alguns professores e intelectuais dão maior relevo a experiências que exaltam a importância da instituição familiar na educação moral, intelectual e física das crianças”. (2000, p. 2)

O ponto nodal de aproximação foi a Pedagogia. Ao encaminhar seus discursos à família e à escola, ele utilizou, quase sempre, as mesmas referências teóricas para as duas instâncias educativas. E ao se apropriar de alguns autores, sobretudo da Psicologia e da Medicina, como Claparède e Montessori, por exemplo, o autor criou um repertório de saberes pedagógicos católicos que validava algumas contribuições oriundas das Ciências da educação e contribuía para um projeto de pedagogização da sociedade, fundamentado na articulação possível entre religião e ciência.

A lógica de encaminhar mensagens às famílias e às professoras que parece sugerir uma abertura em duas vertentes distintas, se afunila e converge em um ponto em comum que é o da mulher catequista, seja ela professora ou mãe. Esse é o fio condutor que deveria ligar os saberes da casa aos da escola. Para Negromonte, como professora católica, esta tinha a função moral de ensinar os valores da religião de forma prática para que a criança aprendesse, conforme os enunciados escolanovistas, a experiência da vida cristã; como mãe católica tinha a vocação dada por Deus de formar a alma dos futuros cidadãos do país. Em ambas as funções, o ensino religioso transformava a figura da mulher, professora ou mãe, na catequista por excelência, considerando os limites e as melhores possibilidades de atuação de cada uma.

Partindo do pressuposto de que os processos educativos são parte de universos culturais mais amplos, opero

com a hipótese segundo a qual o movimento da Escola Nova no Brasil foi apropriado por vários grupos que disputavam o campo educacional¹² à época e um deles, ao contrário do que aparece de forma recorrente na historiografia educacional brasileira, foi o grupo católico. Tal hipótese, já levantada por Marta Carvalho na década de 80 do século XX, quando os estudos em História da Educação começaram a passar por uma revisão teórico-metodológica, sobretudo pela entrada da vertente da Nova História Cultural como aporte teórico das novas produções historiográficas, vem constituindo, aos poucos, outra possibilidade interpretativa acerca da presença dos católicos no movimento das Escolas Novas no Brasil¹³.

As várias pesquisas realizadas sobre a Pedagogia católica, seja no âmbito das instituições educacionais, dos intelectuais da educação, da imprensa pedagógica católica, põem em evidência um conjunto de práticas e representações que situam os educadores católicos na esteira do movimento de renovação educacional do país em prol de estratégias mais eficazes de ensino-aprendizagem. Essa apropriação levou o grupo católico a desenvolver ações no sentido de capacitar as famílias para atuarem no cenário educacional da época, outro ponto que também não aparece de forma clara na historiografia educacional.

A produção de um conjunto de saberes pedagógicos, tal como foi empreendida pelo padre Álvaro Negromonte, pode ser pensada, conceitualmente, na perspectiva de Chartier (1990), aliada aos conceitos de táticas e estratégias utilizadas por Certeau (1994). Apesar de a Igreja ter dialogado com a modernidade pedagógica porque seu lugar no campo educacional vinha sendo ameaçado, a tática de apropriação que ela desenvolveu acerca dos enunciados das Escolas Novas resultou na produção de um *corpus* de conhecimento próprio. O produto dessa leitura recai no que Certeau chama de “poder do saber”, estratégias que designam um tipo de saber que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio pela sua capacidade de transformar as incertezas da História em espaços legíveis (CERTEAU, 1994, p. 100).

O uso dos impressos como estratégia indica os mecanismos utilizados por uma instituição que é portadora de um capital simbólico que a legitima e lhe permite fazer

circular os seus saberes, reafirmando-os como elementos constitutivos da cultura nacional. As práticas da Igreja consistem, portanto em um emaranhado de ações táticas e estratégicas que se interpenetram de forma convergente para um ponto comum.

Em uma esfera mais alargada, a produção de impressos pedagógicos fez parte do conjunto de estratégias utilizadas pelos intelectuais que se reuniram em torno da temática da Escola Nova, para colocar em circulação os seus saberes entre educadores do espaço escolar e doméstico e registrá-los de forma segura e duradoura na memória coletiva. Como dispositivo de produção de uma prática, essa classe de impressos incorpora o sentido do conceito da forma metafórica de que trata Certeau (1994, p. 99),

A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa, etc) (CERTEAU, 1994, p. 99).

Nesse processo estratégico, ao qual se refere Certeau, pode-se dizer que a Igreja Católica investiu no impresso pedagógico como um instrumento de capitalização de vantagens, visando preparar expansões futuras, através da demarcação do que lhe é próprio, buscando, com isso, obter maior independência e autonomia no conjunto de situações variáveis que compunham a organização social brasileira da primeira metade do século XX. De acordo com Matos,

depois de fortalecer sua estrutura interna ao longo dos primeiros trinta anos de vida republicana, a Igreja oficial começa então a reivindicar um lugar privilegiado na sociedade civil, a fim de restaurar nela o 'Estado Cristão'. De uma posição defensiva passa para uma posição ofensiva, alegando que a instabilidade do país era a consequência lógica do abandono público dos 'princípios éticos' dos quais a Igreja se fazia portadora e guardiã (MATOS, 2003, p. 54).

A primeira linha de ação da ofensiva católica se voltou, primeiramente, para as elites intelectuais e se alastrou, a partir daí, para toda a sociedade. A rede de colégios

católicos, os impressos pedagógicos, a imprensa periódica, o Centro D. Vital, a Ação Católica, a Ação Universitária Católica, o Instituto Católico de Estudos Superiores, a Confederação Nacional dos operários católicos a criação da Confederação das Associações Católicas do Rio de Janeiro, a Liga Eleitoral Católica, os congressos, as associações que se formaram a partir de então, assim como seus vários braços, visavam abranger a diversidade da sociedade brasileira. Todas essas investidas podem ser consideradas como formas de resistência que, usando a expressão de Certeau (1994, p. 99), "o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo".

A pluralidade de impressos pedagógicos conduziu a Igreja a investir em variados suportes como livros, revistas, boletins, jornais e anais, os quais serviram como instrumentos de demarcação de um espaço entendido como próprio. Esses impressos, segundo Carvalho e Toledo,

forneem indícios sobre as práticas que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto. O que quer dizer que as informações que fornecem sobre as práticas que prescrevem são mediadas por sua configuração como produto daquelas estratégias (CARVALHO & TOLEDO, 2007, p.90, 91).

Essa configuração manifesta as representações de uma luta no âmbito das reformas educacionais, tanto pelo seu aspecto político quanto pelo pedagógico. Não obstante, essa configuração, apesar de ser indiciária, não perscruta os caminhos dos usos que realmente se fizeram desses saberes.

Conforme Toledo,

o conceito de apropriação como tática que subverte dispositivos de modelização, também tomado a Michel de Certeau (1994) põe em cena esse hiato entre os usos e suas prescrições. O hiato evidencia a complexidade da relação entre modelos pedagógicos e seus usos e está no cerne de uma história cultural das práticas e dos saberes pedagógicos" (TOLEDO, 2007, p. 91).

Mesmo no âmbito teórico, a apropriação do grupo católico em relação aos enunciados da Escola Nova se estabeleceu em um movimento de ataque, ou melhor, contra-ataque, em uma circunstância que lhe subscreveu nos termos propostos por Certeau, se não uma ausência no lugar de poder, uma significativa perda na cena educacional, acentuada com a retirada oficial do ensino religioso das escolas públicas desde a instauração da República.

Nesse contexto, elaborar táticas de contra-ataque se constituiu, no caso da Igreja, uma estratégia de sobrevivência nesse campo. Para Certeau,

A tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...] não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. [...] As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre os momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de duração e ritmos heterogêneos etc (CERTEAU, 1994, p. 100, 102).

Assim, em um movimento de ataque e contra-ataque, a Igreja produziu diferentes discursos, sempre inserida na efervescência dos debates educacionais. A análise desses discursos deve considerar o movimento dinâmico de circulação da cultura católica, aliando a produção dos saberes pedagógicos católicos às estratégias retóricas¹⁴ e ao entendimento de que “o exame dos produtos não exclui a análise dos lugares e das práticas que os instituíram” (NUNES e CARVALHO, 1993, p. 10).

Como intelectual da Igreja e da educação, a atuação do Monsenhor Álvaro Negromonte permite pensar em uma interpenetração desses dois campos com o objetivo de catolicizar a sociedade. O tema da educação religiosa sensibilizou significativamente os educadores católicos

pela forte mobilização criada em torno da discussão acerca do ensino religioso nas escolas públicas, de onde foi retirado, oficialmente, com a instauração do Estado Republicano. O movimento em prol da laicização do ensino não foi aceito pelos católicos que, apesar de terem aceitado o novo regime, consideravam essa medida absolutamente incompatível com um país de maioria católica¹⁵. De acordo com Magaldi,

ao longo de todo o período que se estende dos anos 1920 a meados dos anos 1930, tem-se o campo educacional fortemente envolvido nos debates em que se entrecruzavam aspectos políticos e religiosos [...] Nesse amplo painel, observa-se claramente a configuração de dois lados na contenda. (2007, p. 101)

O grupo que defendia o laicismo na educação e o grupo católico se colocaram em polos antagônicos no movimento que se instaurou em prol da educação nacional. É evidente que ambos os grupos envolvidos nessa disputa expressavam propostas distintas de organização da sociedade que condiziam com sua visão de mundo e do papel que deveriam desempenhar nessa direção. Nesse âmbito, de batalha ideológica instaurada, muitos intelectuais católicos participaram incansavelmente em prol da recristianização da nação. Foi nessa esteira que o trabalho do Monsenhor Álvaro Negromonte se inseriu, e, aos poucos, foi se materializando em um projeto pedagógico sistematizado de regeneração da escola, da família e da sociedade brasileira.

Organizados em diferentes formatos, os impressos publicados pelo Monsenhor Álvaro Negromonte para os professores e para as famílias fizeram parte da Biblioteca Pedagógica que foi construindo ao longo de dezoto anos¹⁶. O conceito de biblioteca é tomado aqui de empréstimo a Chartier (1998), ao tratar das “Bibliotecas sem Muros” na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Essa noção de biblioteca não diz respeito a sua conformação material, mas está relacionada ao signo universal da biblioteca sem paredes, ou seja, uma biblioteca que reúne títulos ou catálogos de bibliotecas através de meios que possam alcançar o(s) leitor(s) ou uma comunidade de leitores. O leitor de Negromonte era o leitor católico, sem dúvida, isso ele deixava claro. Mas, ao escrever, se dirigia

também a todos que tivessem buscando uma palavra segura e precisa sobre educação assentada nos princípios da fé e da moral católica no mundo contemporâneo.

Tomando a proposta metodológica de Carvalho (2006) de classificar os impressos em unidades de análise, ainda que não seja possível determinar os usos dos objetos culturais, mas tomando como referência as prescrições que estão postas tanto na sua materialidade quanto no seu conteúdo, e levando em conta os destinatários visados, é possível, tomar de empréstimo da historiadora, suas categorias de análise do impresso, a saber: as caixas de utensílios, os Guias de aconselhamento e o Tratado de Pedagogia.

Índices da permanência ou ruínas de estratégias historicamente datadas de organização do campo da Pedagogia, livros e revistas pedagógicas configurados como *caixas de utensílios* não circularam apenas na década de 1890, durante o chamado período áureo das realizações educacionais republicanas em São Paulo. Eles circulam ainda nas décadas de seguintes, concorrendo com outros impressos, organizados segundo outras regras. A *Revista do Ensino* e a *Revista Escolar* são testemunhos desse modo de conceber e organizar o campo normativo da Pedagogia que guarda forte relação com a concepção de pedagogia como *arte de ensinar*, organizando-se como *caixa de utensílios* e fornecendo modelos de lições e materiais para o uso do professor [...]

O modelo *livro de aconselhamento* é produto de uma tradição mais antiga do que a que conformou o impresso como *caixa de utensílios*. Sua configuração é herdeira da longa tradição de um gênero: o das preceptivas ou livros de aconselhamento de príncipes que tiveram seu apogeu nos séculos XVI e XVII [...]. Retomando tópicos e recursos retóricos dessa tradição, muitos livros de pedagogia que circulam no século XIX organizam-se como *livros de aconselhamento* recheados de preceitos moralizantes que visam moldar, segundo representações éticas de longa tradição no pensamento teológico-político europeu, um novo tipo de profissional, o professor [...]. Aliava ao intento moralizante objetivos mais pragmáticos, fornecendo ao professor informações e conselhos úteis para o exercício da *arte de ensinar* [...].

Essa nova literatura [...] se organiza como *Tratado de Pedagogia*, como corpo sistematizado de saberes e de doutrinas dedutivamente estabelecidos a partir de princípios de natureza científica ou filosófica. [...] Nele, a pedagogia deixa de fornecer modelos exemplares de lições para oferecer fundamentos e os métodos nela apregoados são dissociados da prática, das '*artes de fazer*'. O Tratado é um gênero tradicionalmente didático, que compendia teorias sobre determinado campo de saber, expondo-as analiticamente por meio de argumentos de autoridade e exemplos (CARVALHO, 2006, 156-168).

Nenhum desses modelos é excludente entre si. Ao contrário, é possível verificar uma convivência permanente no cenário educacional que sugere pensar em uma possível complementaridade em seus papéis.

Nessa perspectiva, a Biblioteca do Monsenhor Álvaro Negromonte compreende duas modalidades de uso do impresso na configuração dos saberes pedagógicos e das práticas educativas, sejam elas de ordem pública, através da escola, ou privada, no âmbito familiar e foi organizada, nesta pesquisa, em dois blocos: os Boletins, voltados para os professores configuram o uso desse impresso como "caixas de utensílios"; os livros voltados para a família assim como o manual *Pedagogia do catecismo*, funcionam como Tratados de Pedagogia no sentido promover os saberes-fundamentos da pedagogia católica moderna e sugestões de aplicações práticas desses saberes tanto na esfera doméstica quanto nas sala de aula. Lições essas que poderiam ser apropriadas em diferentes práticas educativas, pela eficácia que garantiam ao processo de ensino-aprendizagem.

Para o professorado estava em pauta a constituição de um *corpus* de saberes pedagógicos pautados nos postulados da nova pedagogia, mas também a publicação de impressos que funcionassem como ferramentas de trabalho. Além disso, nesse projeto de formação contínua dos professores buscava-se fornecer um repertório de informações e de referenciais teórico-doutrinários que permitissem ao leitor assumir ele próprio a organização e orientação de suas leituras, ainda que os limites dessa

autonomia fossem muito diferentes entre os intelectuais envolvidos com a formação docente.

Por outro lado, os livros endereçados às famílias apontam para outra dimensão do projeto católico de reorganização da sociedade. Esses livros marcam bem a diferença de papéis estabelecidos para essas duas instituições na questão educacional, mas corroboram com o ideário moderno dos chamados pioneiros na concepção acerca da necessidade de se instruir a família nos novos preceitos científicos para que esta pudesse participar ativa e positivamente da formação das crianças, aliando a casa e a escola em um projeto que articulava saberes científicos e tradição católica.

Ainda que não apontem, de forma clara, relação direta com os temas da Escola Nova, esses livros prescrevem um ideário de educação ancorado em princípios da Psicologia, da Biologia e da Pedagogia. Esse amparo no campo científico, sinaliza para a articulação existente no pensamento desse autor entre essas duas instituições educativas e atesta o entendimento do padre sobre a eficácia de se articular ciência e religião, sempre que possível. Se buscarmos a compreensão, por exemplo, sobre “a quem cabia educar” no projeto escolanovista, é possível perceber que em dimensões distintas, família e escola deveriam se aliar e trabalhar, conjuntamente, no projeto de reorganização da sociedade pela educação.

Segundo pensamento amplamente compartilhado pelos educadores da época, ações educativas dirigidas às famílias eram justificadas com base nas lacunas observadas no funcionamento das mesmas, que davam margem a críticas diversas em relação a múltiplos aspectos, entre os quais situava-se a forma como vinha exercendo seu papel educativo. Era comum que os ‘especialistas da educação’ apontassem inadequação das atitudes dos pais ante à educação das crianças, já que, segundo sua visão, o cotidiano doméstico estaria permeado por práticas totalmente afastadas dos paradigmas científicos valorizados, então como os da Psicologia e da higiene. Por isso, fazia-se necessário ensinar as famílias a educar, o que foi realizado naquele contexto, por intermédio de várias frentes, conduzidas tanto na esfera estatal, por exemplo,

pelos Círculos e Pais e Professores das escolas públicas, quanto no âmbito da sociedade civil, por iniciativas privadas (MAGALDI, 2003, p. 218)

Com esse intuito, o impresso pedagógico foi sendo utilizado como principal estratégia nas questões educacionais. De uma maneira geral, a Igreja ia firmando seu império no campo pedagógico, ao que Carvalho se refere como “ortodoxia pedagógica”, estabelecendo um “corpus bibliográfico de referência, constituído como leque de leituras autorizadas. Para os professores, um léxico escolanovista, saturado de sentido religioso era proposto como cânone discursivo e guia da prática docente”. (CARVALHO, 2005, p. 93); para os pais, outro leque bibliográfico, com forte acento na questão religiosa e pedagógica, era indicado no sentido de complementar a educação que não deveria ficar ao encargo das escolas, como era considerada por exemplo, a questão da educação sexual e da formação dos filhos.

Com isso, através de publicações, prescrições e proscricções de livros, a Igreja foi modelando as práticas de leitura e catolicizando o discurso e a *práxis* escolanovista, configurando um conjunto de “estratégias católicas de ortopedia doutrinária do campo da pedagogia” (CARVALHO, 2002, p. 391).

Considerações Finais

Pensar no papel dos impressos na difusão e propagação das idéias do movimento das Escolas Novas que tomou corpo no Brasil nos anos 20 e 30 do século XX e nas lentes pelas quais os católicos se apropriaram de seus enunciados ajudou a pôr em evidência não só os diferentes grupos envolvidos nesse empreendimento como também os seus diferentes projetos. A militância católica, como foi apontado, não teve apenas um papel reativo frente às propostas renovadoras do ensino promovidas pelo grupo dos pioneiros. De acordo com Carvalho, ela também se mobilizou, se organizou e difundiu, a seu modo, a sua versão da nova Pedagogia. Através da publicação de livros, boletins, revistas, organização de congressos, cursos, conferências incidiram sobre os professores no sentido de regradar a sedução ou a repulsa exercida pelo *escolanovismo*. E, neste empreendimento, os

educadores católicos “tiveram, talvez, mais êxito do que comumente se supõe, atingindo não somente as práticas dos professores das escolas católicas, mas também as do professorado católico nas escolas públicas (CARVALHO, 2002, p. 390).

Paralelamente, também através dos impressos, mas não apenas por eles, a Igreja Católica ia difundindo as suas versões da nova pedagogia e constituindo um *corpus* bibliográfico de referência doutrinário-pedagógico que ia configurando um escolanovismo católico que não ficava restrito apenas à escola, mas alastrava-se também para o espaço doméstico. Mesmo nos manuais para a família, o padre se preocupava em munir os pais com pequenas porções da nova pedagogia.

O Monsenhor Álvaro Negromonte foi um dos expoentes desse movimento e suas ações podem ser entendidas no âmbito de um projeto pedagógico que subsidiava um projeto maior de catolicização da sociedade através da escola e da família. Essas duas instâncias educativas foram entendidas como importantes dispositivos de governamentalidade e, por isso, tornaram-se alvos privilegiados dos diferentes projetos voltados para a formação da sociedade brasileira.

Notas

¹ Este artigo faz parte da pesquisa que venho realizando no doutorado sob a orientação da professora Dr^a Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e vinculada ao grupo de pesquisa em História da Educação “Escola, família e civilização: representações e práticas (1930-1950)”, coordenado pela referida professora.

³ O conceito de educação integral para a Igreja difere da proposta corrente que vigorava nos debates educacionais. Nestes, o que estava posto era um modelo de formação que abrangesse as esferas intelectual, física e moral do indivíduo como forma de desenvolver todas as suas faculdades, tornando-o educado em todas as suas dimensões e, portanto, um cidadão mais útil e melhor para a sociedade. Para a Igreja, a educação integral visava desenvolver no indivíduo todas essas faculdades, sem perder de vista os que era entendido por ela como “o verdadeiro fim da educação”, que era o aperfeiçoamento da alma e o encaminhamento para Cristo. A educação era um meio e a cidadania era a forma de dar visibilidade a seu progresso interior rumo à

salvação. A educação integral na perspectiva católica, tinha como finalidade um projeto salvífico.

⁴ Esse grupo é entendido neste trabalho na mesma perspectiva proposta por Magaldi, não considerando apenas a “fé religiosa, de natureza individual do intelectual em questão, mas sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Tal projeto educacional possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos” (MAGALDI, 2007, p. 102)

⁵ A Ação Católica foi um movimento de mobilização do laicato, inspirado nos moldes italianos, fundado no Brasil, em 1935. Aos poucos, o movimento foi se organizando e se ajustando às necessidades de cada região, tendo um efeito visível no desenvolvimento do catolicismo brasileiro em múltiplas dimensões. Segundo Lustosa (1977) e Zanlochi (2001), o movimento de Ação Católica abriu possibilidades de um papel mais ativo para o leigo na comunidade eclesial; cultivava uma mentalidade mais aberta de militância cristã no terreno social e político; criava uma exigência de formação menos subjetiva e mais vital e dinâmica; conscientizava os leigos da necessidade de formar o exército do “Cristo Rei”, a fim de sacralizar a sociedade, implantando uma nova ordem social - a nova cristandade - calcada nos princípios cristãos como fermento e da ação do meio pelo meio através de métodos ligados à realidade; atribuía às mulheres um novo papel social militante, e as instituiu como importantes aliadas nesse projeto de recristianização da nação. Pode-se dizer que todas essas dimensões contribuíram significativamente para a crescente influência da Igreja junto ao Estado, a partir da década de 40.

⁶ A renovação do pensamento católico é compreendida neste trabalho na perspectiva Carvalho (1998) e Sgarbi (1997) como um esforço da Igreja em dialogar com enunciados do movimento da Escola Nova no Brasil. A partir dos trabalhos desses dois pesquisadores, sobretudo da Marta Carvalho, essa temática ganhou maior visibilidade na História da Educação. Em dimensões distintas, os pesquisadores, afirmam que do debate que se estabeleceu entre pioneiros e católicos, resultou um “escolanovismo católico”, ou seja, uma leitura católica do movimento das Escolas Novas. O esforço de diálogo empreendido pelo grupo católico, no entanto, não significa que existisse um consenso entre os escolanovistas católicos, em relação aos seus enunciados propostos e ao posicionamento ideal a ser adotado. Um ponto bastante subjetivo unia os membros da Confederação Católica Brasileira de Educação, principal instância de apropriação e circulação dos enunciados escolanovistas pelos católicos: a busca pelo diálogo com os enunciados pedagógicos modernos. Entretanto, são perceptíveis algumas divergências entre os escolanovistas católicos. Os diferentes posicionamentos assumidos nas Revistas Brasileiras de Pedagogia e nos

Congressos Católicos de Educação permitem pensar que a o processo de elaboração do pensamento educacional católico se desenvolveu a partir de diferentes perspectivas.

⁷ No cenário educacional, essa tem sido uma temática que vêm mobilizando diferentes agentes envolvidos no campo, como pesquisadores, gestores, pais, professores que buscam discutir e solucionar os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem, sucesso/fracasso escolar, o papel das famílias nesse processo, dentre outras questões. Todavia, é na Sociologia da Educação que as pesquisas educacionais voltadas a essas temáticas vêm se concentrando, o que justifica o diálogo conduzido na pesquisa.

⁸ Os trabalhos de Cunha (2000) e Varela & Alvarez-Uria (1992) são importantes contribuições no campo e que apontam nessa linha interpretativa.

⁹ O termo “pioneiros” é utilizado neste trabalho apenas para marcar o grupo que antagonizou frontalmente com os católicos nas principais questões em torno das propostas escolanovistas e que se auto-intitulou dessa maneira usando como referência o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado em 1932. Todavia, os estudos realizados acerca das Escolas Novas no Brasil possibilitam pensar que essa nomenclatura não é suficiente para representar, categorizar ou classificar as lutas, os conflitos e as tensões que se estabeleceram em torno do campo educacional do país na primeira metade do século XX.

¹⁰ Apesar da referência ao professorado não aludir apenas ao gênero feminino, em muitos momentos o autor generaliza e dirige suas mensagens claramente a esse público. No caso do ensino religioso, ele justifica, afirmando que esse é um espaço que vem sendo ocupado cada vez mais pelas mulheres pela sua condição de excelência na obra de formação e modelação da alma humana. A indicação no feminino era recorrente de acordo com o autor por causa do número de moças inscritas no Curso. Essa observação pode ser atestada em diferentes trabalhos no campo da História da Educação sobre a Escola Normal. Em vários estados brasileiros, a presença das mulheres nas Escolas Normais, dentre outros fatores, pode ser compreendida tendo como horizonte o processo de feminização do magistério, que reconfigurou a História da Profissão docente.

¹¹ O Estado de Minas foi o *locus* de produção inicial do padre Negromonte.

¹² O conceito de campo é entendido neste trabalho na perspectiva proposta por Pierre Bourdieu e diz respeito ao universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem um conhecimento específico. O campo é um mundo social que possui certa autonomia e que se configura como campo de forças e de lutas cujas relações de forças alimentam a conservação da transformação desse próprio campo e o mantém autônomo em relação às pressões externas do mundo que o envolve. A diferença entre um campo

e um jogo é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão, elas próprias, postas em jogo (BOURDIEU, 2004, p. 20-29).

¹³ A leitura de uma Escola Nova Católica ainda merece ser mais explorada pela historiografia educacional brasileira.

¹⁴ As estratégias retóricas são elementos próprios de composição da Análise do Discurso. Todavia, a forma como este estudo intenta trabalhar com essa ferramenta, não se restringe a esse campo. Tomadas como empréstimo, tais estratégias são entendidas aqui em sua apropriação feita por Bourdieu (2007). Para ele, as estratégias retóricas são relações objetivas resultantes de relações de força simbólica. “Estas relações objetivas determinam no essencial quem pode cortar a palavra, interrogar, responder fora do que foi perguntado, devolver as questões, falar longamente sem ser interrompido ou passar por cima das interrupções, etc., quem está condenado a estratégias de denegação (interesses, estratégias interessadas, etc, a recusas de respostas rituais, a formas estereotipadas, etc. (BOURDIEU, 2007, p. 57).

¹⁵ Sobre a posição dos católicos face ao regime republicano e os desdobramentos da questão laicista na educação brasileira a partir dos anos de 1930, ver Jamil Cury (1978), Horta (1994), Beozzo (1984).

¹⁶ Tomo por base para esse cálculo o ano de 1936, por ter sido o ano em que fundou o Boletim Catequético até 1964, ano do seu falecimento.

Referências bibliográficas

BASSANEZI, C. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano: Economia e cultura – 1930 – 1964*. Tomo II, v. 4º. São Paulo: Difel, 1984.

BICALHO, M. F. B. *O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Rio de Janeiro: PPGAS-UFRJ (Dissertação de Mestrado).

BOURDIEU, P. “Gênese e Estrutura do Campo Religioso”. In: BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Org. Sérgio Miceli. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2004.

_____. *O Poder simbólico*. (Trad. Fernando Thomaz), 11ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, M. M. C. de. *A Escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

_____. “A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil”. In:

- FARIA Filho, L. M. *Modos de ler, formas de escrever: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 66-86.
- _____. *Molde Nacional e fôrma cívica*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.
- CARVALHO, M. M. C. de. "Uso do Impresso nas Estratégias Católica de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935)". *Cadernos Anped*, n. 7, 1994. p. 41-60.
- _____. "Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola". In: FREITAS, M. C. de.; KUHLMANN, Jr. M. (orgs.). *Os intelectuais na História da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.
- _____. "Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos". In: PINTASSILGO, Joaquim *ET all* (org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Colibri, 2006.
- CARVALHO, M. M. C. de; TOLEDO, M. R. de A. "Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo". In: OLIVEIRA, M. A. T. de (org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89-110.
- CATANI, D. B. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, L. A. "A escola contra a família". In: LOPES, Eliane M. T., FARIA Filho, L. M. de e VEIGA, C. G. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 3ª ed., São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Uma História dos costumes*. (Trad. Ruy Jungman), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990.
- ERRERIAS, C. A. C. *Catolicismo e educação na década de 1930: o escolanovismo de Everardo Backheuser*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. "Educação Escolar e Psicologia: o Pensamento Católico no Início dos Anos 1930". In: *22ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu, 1999.
- FARIA Filho, Luciano Mendes de. "Para entender a relação família-escola: uma contribuição da história da educação". In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, Vol. 14, nº 2, Apr./June, 2000. p. 1- 8.
- FOUCAULT, Michel. "A governamentalidade". In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- LOPES, E. M. T. *Das Sagradas Missões Pedagógicas*. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2003.
- LOURO, G. L. *Prendas e Antiprendas. Uma escola de Mulheres*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1987.
- LUSTOSA, Oscar. *A presença da Igreja no Brasil: histórias e problemas (1500-1968)*. São Paulo: Giro, 1977.
- MAGALDI, A. M. B. de M. *Lições de Casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2007.
- _____. "Família, escola, civilização: representações e práticas (1930-1950)". Rio de Janeiro: UERJ, 2008 (Projeto de Pesquisa PROCiência)
- _____. "Pensamento católico, modernidade e relações família-educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950)". Rio de Janeiro: UERJ, 2005 (Projeto de Pesquisa PROCiência).
- _____. "A quem cabe educar". In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Vol 5, jan/jun, 2003, p. 213 – 231.
- MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*, Maringá: Eduem, 2004.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Igreja na História – Tomo 3: Período Republicano e atualidade).
- MOGARRO, M. J. "Escolanovismo e modelo católico de leitura na circulação e apropriação de modelos culturais: os manuais brasileiros nas bibliotecas de formação de professores de Portugal". In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação A educação e os seus sujeitos na história*, 2006, Goiânia. Goiás: Universidade Católica de Goiás/SBHE, 2006. v. 1. p. 1-20.
- MONTANDON, Cléopâtre. "O desenvolvimento das relações família-escola: problemas e perspectivas". In: MONTANDON, Cléopâtre, PERRENOUD Philippe. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Para uma análise sociológica das interações entre família e a escola. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 2001, p. 13-28.
- NARCIZO, R. M. "Ministro de Deus, portador da luz": ações e discursos católicos de modelação docente na década de 1930. Rio de Janeiro: UERJ, 2008 (Dissertação de Mestrado).
- _____. *Examinai tudo guardai o que é bom: Elementos de aproximação entre educadores católicos e escolanovistas*.

Rio de Janeiro: UERJ, 2005 (Monografia de conclusão de curso).

NEGROMONTE, A. *Diretrizes Catequéticas*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1938.

_____. *Pedagogia do Catecismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

_____. *Noivos e Esposos: problemas do matrimônio*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rumo, 1961.

_____. *A Educação dos Filhos*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Rumo, 1966.

_____. *Corrija o seu Filho*. Rio de Janeiro: Rumo, 1961.

NOGUEIRA, Maria Alice. "A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas". In: *Análise Social*, vol. XI (176), 2005. p. 563-578

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do catecismo*. São Cristóvão, SE: UFS, 2008.

SOUZA, C. P. de *et al*. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação*. nº 2, p. 61-76,1996

SGARBI, A. D. *Igreja, Educação e Modernidade na década de 30: escolanovismo católico construído na CCBE divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia*. São Paulo: PUC, 1997. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Bibliotecas Pedagógicas Católicas: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2001. (Tese de Doutorado).

STRANG, B. de L. S. *O saber e o credo: os intelectuais católicos e a doutrina da Escola Nova (1924-1940)*. Rio de Janeiro: PUC, 2008. (Tese de Doutorado).

VARELA, Julia & ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria Escolar**. In: *Teoria e educação*, 6, 1992. (p. 69 – 97)

VIDAL, D. G. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista:EDUSF, 2001.